

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: DOUGLAS TOMÁCIO

TÍTULO: LUDICIDADE E EDUCAÇÃO: O PROCESSO LÚDICO NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AUTORES: DOUGLAS TOMÁCIO, DOUGLAS TOMÁCIO, CÉLIA MARIA SARAIVA, DALVA NUNES CARDOSO, DAYANE IZAIAS DOS SANTOS, GRAZIELE EVANGELISTA ROMULADO, RAFAELA RAYANE FELICIANO ARAUJO

PALAVRA CHAVE: ENSINO LÚDICO, DEFICIÊNCIA INTELECTUAL, EDUCAÇÃO INFANTIL, COTIDIANO ESCOLAR

RESUMO

Este trabalho, fruto de pesquisa ainda em curso, surge com vistas a identificar as efetivas contribuições do ensino lúdico no processo de aprendizagem de alunos e alunas com deficiência intelectual, neste caso específico, discentes da Educação Infantil, advindos de escolas públicas municipais de Belo Horizonte.

Dada a complexa faceta que envolve a investigação, para além dos discentes em si, a pesquisa toca também as professoras pedagogas e suas práticas, constituindo-se elas, junto aos alunos, em sujeitos da/na pesquisa; desse modo intentamos uma visão menos obliterada do processo e suas relações, almejando, pois, o melhor tocar, explicar a complexa tessitura educativa.

Nesse intuito, em questão está o contexto da escola e aquilo que nele se processa cotidianamente, razão pela qual optamos pela pesquisa de caráter etnográfico, conforme André (2005) e Ludke (1986), uma vez que ela se interessa pelo cotidiano escolar em suas manifestações diversas, buscando identificá-las no ambiente próprio de sua produção.

"Por meio de técnicas etnográficas é possível documentar o não-documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico.[...]significa colocar uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia-a-dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional [...]". (ANDRÉ, 2005:41).

Para além dessas autoras, na investigação acerca desse cotidiano, subvencionamo-nos ainda em Ferrazo (2007). Cabe ressaltar que a vida cotidiana nesta pesquisa não se dá como um local específico e delimitado, mas, sim, como um processo; dessa forma, "consideramos cotidiano o próprio movimento de tessitura e partilha dessas redes. As redes não estão no cotidiano. Elas são o cotidiano!" (FERRAZO, 2007:78).

Supportamo-nos ainda, e principalmente, naqueles pensadores que se detêm de modo mais aprofundado no estudo acerca do lúdico e sua influência no âmbito educativo, entendendo-o como fator preponderante no processo de ensino-aprendizagem. Dentre entre eles, ressaltamos Spodek e Saracho (1998), Ferland (2006), Almeida (2005) e Bettelheim (1998), autores para quem a educação lúdica, além de uma ação inerente nos processos internos da criança, aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, e este, por sua vez, se redefine na elaboração constante com o pensamento coletivo.

Segundo esses autores, a atividade lúdica funciona como um elo entre os aspectos motores, cognitivos, afetivos e sociais, promovendo, por meio da brincadeira e interação social, o desenvolvimento da identidade e autonomia, elementos que, especialmente para alunos e alunas com deficiência intelectual, estabelecem-se como importantes ferramentas no processo de socialização dentro e fora da escola, bem como na aquisição de conhecimentos que por outro modo talvez não se efetivassem na mesma magnitude. Elkonin (1998) e Leontiev (1994) chegam mesmo a dizer que, por meio do lúdico, durante a brincadeira, ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico infantil; desse modo, preterir-lo é desfavorecer um importante impulso no processo de desenvolvimento da esfera imaginativa, na criação das intenções voluntárias e na formação dos planos da vida real; especialmente para crianças com as ditas deficiências intelectuais.

Por vezes, algo que a pesquisa já tem demonstrado, assim como bibliografias a respeito da temática, as professoras não se isentam da utilização de processos lúdicos com vistas ao aprendizado, demonstram-se, inclusive, parcialmente cientes das possibilidades que essa ferramenta apresenta. No caso de profissionais que atuam com a educação inclusiva, essa parece ser uma ação ainda mais preponderante, visto "as limitações de prosseguimento de aprendizagem 'normal'", segundo o próprio discurso docente.

No entanto, outro importante aspecto a ser destacado, é que, ainda que sob tentativas de promover um ensino significativo, que respeite seus alunos e de posse da compreensão das potencialidades do lúdico, muitas vezes, essas profissionais não se sentem devidamente preparadas para a atuação, questionando-a em sua validade, bem como indagando a formação acadêmica pela qual passaram e a si mesmas enquanto professoras a contribuir de modo consciente na formação de alunos e alunas com deficiência intelectual.

Enfim, os estudos, até o presente momento, apontam para práticas pedagógicas na rede municipal de Belo Horizonte que, de algum modo, ratificam o entendimento da necessidade do lúdico como ferramenta para o desenvolvimento integral do educando com deficiência intelectual, contudo, apontam que, ainda que esse entendimento se estabeleça, parece notório o desconforto profissional diante de uma prática que, segundo elas, são feitas sem os subsídios necessários, dentre eles, aqueles advindos do processo de formação docente.